



ENTREVISTA COM A ASSOCIADA VITALÍCIA DA ABPp- SEÇÃO SÃO PAULO

Sonia Maria Colli de Souza - Psicopedagoga Clínica/ Psicopedagoga em Saúde, Coordenadora de Curso de Pós- Graduação, Membro fundador da Associação Brasileira de Psicopedagogia ABPp - Seção São Paulo; Membro do Conselho Nacional da ABPp; Presidente da ABPp - Seção São Paulo (gestão 2008-2010); Atual Conselheira Vitalícia da Seção São Paulo; Atuação em consultório.
soniacolli@ig.com.br

- 1 - Minha retrospectiva seria longa, pois comecei minha história na Psicopedagogia junto com seu nascimento no Brasil, na realidade até mesmo antes dele, quando chamávamos de reeducação pedagógica e psicomotora, um fazer na Educação remediativa que já se preocupava com dificuldades de aprendizagem e fracasso escolar, refiro-me à década de 1970. De lá pra cá, muito se desenvolveu, se evoluiu, avançou-se em teorias, o que a meu ver é fundamental para que se tenha uma práxis estruturada e estruturante do trabalho profissional... A grande mudança foi de paradigma, psicopedagogia nada tem com “talvez sua matriz”, a reeducação. A preocupação em relação ao não aprender, nessa época era semelhante ao norte da Psicopedagogia, educadores se inquietavam com altos índices de reprovações, com dificuldades na aquisição da leitura, mas nos faltavam informações, conhecimentos que não fossem apenas a educação especial... quase todos os profissionais “inquietos”, vínhamos da formação ou trabalho em educação especial... Muito se caminhou, hoje temos muitos pares e impares, informações, formação profissional, diversidade teórica que é tão enriquecedor.
- 1- A Psicopedagogia precisa primeiro entrar de Fato nas escolas, já entrou de Direito, já conta com apoio legal, mas precisa se efetivar nas escolas. Uma vez garantido seu lugar, o profissional da psicopedagogia, precisa ter atribuições compatíveis com sua posição na instituição para que

possa auxiliar o professor nas escolhas de condutas escolares que favoreçam os alunos que encontram dificuldades para aprendizagem.

- 2- Sobre a inclusão tenho pensado muito, e provavelmente contribuído pouco, fico no mundo das idéias. Se a idéia é “inclusão social através da Escola” , deve-se pensar mais amplamente, como a sociedade também recebe e executa essa premissa. Na minha prática de trabalho, vi famílias que procuram escola inclusiva para um filho que dela necessita, mas não coloca na mesma escola outro filho que pode frequentar quem sabe uma escola “mais forte”! Como essa família vê e faz realmente a inclusão social?! Claro que não estou fazendo generalizações, apenas colocando o que já vi. Penso que a inclusão de alunos com dificuldades de aprendizagem necessita de estudo particularizado, pois quando se é atípico, o somos em gênero e grau, dificilmente temos atípicos típicos! Daí cada caso merece reflexões pedagógicas baseadas em pareceres e suporte dos profissionais que diagnosticaram o caso. Tem que pensar na formação dos educadores, quais mudanças ocorreram nos cursos de formação de professores no mesmo sentido e com a mesma intensidade que se propõe a inclusão, a escola pode aceitar (ou compulsoriamente tem que aceitar?) o aluno, mas quem o atende está apto? A escola e a família oferecem retaguarda?

- 3- Não sei. Acho que dificuldades de aprendizagem sempre existiram, os sistemas corretivos eram inadequados além de traumáticos, as metas pedagógicas eram outras, as propostas pedagógicas cristalizadas, o educando olhado em massa... daí a evasão escolar e toda a história da educação que conhecemos. Hoje olhamos o processo da aprendizagem e os sujeitos do ensino e da aprendizagem de outra forma, ampliou-se as áreas que cuidam do sujeito aprendente, indo além da educação, a pediatria, neurologia, psicologia...

- 5- Vejo a família de hoje, seja por questões sociais ou sociológicas, terceirizando à escola, vários de seus papéis. Especialmente, as mães por questões de crescimento profissional tiveram que rever e redimensionar suas funções na casa como na educação de seus filhos delegando à escola ou à profissionais do lar, o que, anteriormente era feito por elas ou pelos pais, como por exemplo, acompanhamento das tarefas, estudos, contato mais próximo com a escola. A escola por sua vez abarcou essas funções deixadas pelas famílias e vem se adaptando ao novo modelo, creio que é uma questão de tempo, e mais um paradigma que se está construindo,

pois, a situação social é irreversível. As famílias por certo também encontrarão novas possibilidades e a adaptabilidade humana é desejável.

6- Psicopedagogia para adulto? Sim, sem dúvida é desejável, e eficiente, que bom oportunizar sempre a aprendizagem. Vejo a psicopedagogia para o idoso, estimulando-o cognitivamente, mostrando-lhe que sempre podemos ampliar nossas capacidades. Psicopedagogia para adulto, sim.

7- Formação do profissional da psicopedagogia, que tarefa grande! Cursos de pós graduação, supervisão com outro profissional da psicopedagogia, trabalho terapêutico pessoal, muitos cursos de extensão , frequência a eventos da Psicopedagogia, grupos de estudos, leituras, leituras, leituras... Como coordenadora de curso de pós graduação em psicopedagogia, presencial, tenho alguns conflitos gerados pela autonomia da universidade, regras complacentes do MEC, como carga horária dos cursos, e procuro organizar grade de disciplinas necessárias e possíveis, mas sei que fica faltando ainda, então, procuro fomentar nos meus alunos a responsabilidade pela sua formação continuada.

8- Identidade e responsabilidade, foram minhas pedras de toque no ideal da criação da Seção São Paulo.

9- Que a Psicopedagogia vale não na pena, mas as buscas e as glórias conseguidas, mas precisa de seguidores que continuem favorecendo esse crescimento.

10- Desejo felicidades, e muitos incômodos, que os motivem às buscas, e o meu abraço acolhedor.

Sônia Colli